ISSN: 2358-8829

PEDAGOGIA DO ACONTECIMENTO: O QUE PODE UMA ESCOLA NA FORMAÇÃO DA DÚVIDA

João Vitor Dias da Silva[1]

INTRODUÇÃO

A educação pública contemporânea encontra-se atravessada por uma tensão constitutiva entre a expansão de políticas gerencialistas de prestação de contas (accountability), pautadas na disseminação de testes padronizados de larga escala e matrizes de desempenho, e a exigência ética de garantir uma formação humana integral, plural e democraticamente engajada. No cenário educacional do estado do Ceará, marcado pelo alcance de índices de destaque em avaliações estaduais e nacionais (SPAECE, SAEB, ENEM), essa contradição manifesta-se com singular acuidade. Se, por um lado, pesquisadores da avaliação educacional como Bauer, Alavarse e Oliveira (2015) e Maia (2018) reconhecem a utilidade diagnóstica dos exames externos para o planejamento de políticas públicas de equidade e monitoramento das redes de ensino, por outro lado, a literatura sociocrítica alerta para os riscos de estrangulamento curricular e reducionismo pedagógico derivados da absolutização dos resultados.

Gert Biesta (2012) adverte que a centralidade tida pela mensuração instaurou um deslocamento perverso na cultura escolar: a 'validade técnica' (a capacidade de medir com precisão o que é quantificável) passou a se sobrepor à 'validade normativa' (a deliberação democrática e filosófica sobre o que é educacionalmente desejável). Ao priorizar a função de qualificação instrumental voltada ao rendimento cognitivo, a instituição escolar eclipsa suas funções vitais de socialização e subjetivação, esta última responsável por constituir o estudante como sujeito autônomo, singular e capaz de responder criticamente às provocações do mundo social. Esse cenário de estreitamento aprofunda-se quando políticas estatais tentam submeter a dimensão socioemocional e atitudinal a matrizes psicométricas fechadas, a exemplo do modelo dos Big Five (Santos & Primi, 2014; Damásio, 2017). Conforme assinalado na análise de Smolka e colaboradoras (2015), a pretensão de isolar e quantificar traços de personalidade em escalas fatoriais descontextualiza a conduta humana, separa a cognição do afeto e arrisca promover a estigmatização e rotulação de jovens cujas atitudes divirjam dos padrões normativos fixados pelas políticas públicas.

[1] Professor de Sociologia da EEEP Marta Maria Giffoni de Sousa, Rede Estadual de Ensino Profissional do Ceará. E-mail: joao.silva128@prof.ce.gov.br.

ISSN: 2358-8829

Em meio a essa arquitetura de controle e metas de produtividade, a prática docente é interpelada a produzir frestas de resistência e furos na gramática institucional. É exatamente nesse horizonte de inquietação que se inscreve a proposta da pedagogia do acontecimento, pautada na premissa de que a sala de aula não se reduz a um espaço de execução passiva de programas extensivistas, mas constitui uma matéria viva, um plano de agenciamento no qual o conteúdo curricular encontra o território, a escuta e o improviso. Em contextos escolares submetidos a elevadas pressões por resultados acadêmicos, a docência afirma-se como criação e pesquisa em movimento, substituindo a pedagogia das respostas prontas por uma aposta na formação da dúvida como força geradora de pensamento, autoria e emancipação.

METODOLOGIA

Para acompanhar a emergência do acontecimento sem aprisioná-lo em esquemas explicativos pré-determinados, adotou-se a perspectiva metodológica da cartografia e da pesquisa-intervenção (Passos, Kastrup & Escóssia, 2009; Kastrup, 2007). A cartografia recusa a ilusão de neutralidade e a distância contemplativa do pesquisador tradicional, propondo um mergulho no plano do coengendramento entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido. Trata-se de uma política cognitiva caracterizada por uma atenção concentrada e aberta, desdobrada nos gestos atencionais de rastreio, toque, pouso e reconhecimento atento (Kastrup, 2007).

A experiência investigativa foi desenvolvida no cotidiano de uma escola pública de ensino médio do estado do Ceará reconhecida pelo alto desempenho acadêmico. A intervenção metodológica envolveu o desenho de estratégias pedagógicas estruturadas em três eixos articulados: 1) Práticas de escuta sensível e mapeamento de afecções a partir dos conteúdos curriculares da base nacional comum; 2) Exercícios de formulação de problemas próprios e problematização existencial e sociológica; e 3) Produção de artigos investigativos e textos autorais, articulando leitura, escrita, memórias e vida cotidiana. Os instrumentos de registro e produção de dados compreenderam o diário de bordo cartográfico do docente, as produções textuais e ensaísticas dos estudantes e a observação participante das dinâmicas coletivas de aula.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

Conceber a aula para além da transmissão instrucional exige recorrer ao referencial filosófico de Gilles Deleuze (1974, 2018). No pensamento deleuziano, o acontecimento não equivale ao fato cronológico linear e mensurável, mas a um corte de intensidade no tempo, uma reserva de sentido que atualiza virtualidades e desdobra efeitos diferidos (efeitos retardados). Transposto para o campo educacional, conforme analisa Ribeiro (2020), o acontecimento requer que o professor abandone a função de mero gestor de conteúdos para assumir a condição de 'personagem conceitual' — aquele que institui planos de imanência na sala de aula, provocando encontros conceituais e viabilizando processos de desterritorialização do pensamento.

> “A aula é emoção. É tanto emoção quanto inteligência. Sem emoção, não há nada, não há interesse algum [...] Há o que chamamos de efeito retardado. Também é como na música. Na hora, você não entende um trecho, mas depois ele retorna e faz sentido.” (Deleuze, 2001, citado por Ribeiro, 2020, p. 62).

Essa concepção desestabiliza a obsessão pelo resultado imediato e pela verificação instantânea da aprendizagem. Conforme argumenta Jorge Larrosa (2002), a experiência não se confunde com o acúmulo de informações nem com o cumprimento acelerado de tarefas instrucionais. Em uma sociedade marcada pelo excesso de informação e pela obrigatoriedade de opinião rápida, a experiência define-se como 'o que nos passa, o que nos acontece e o que nos toca', exigindo a interrupção da pressa, o cultivo do silêncio e a exposição ao incerto. Quando a escola transforma o tempo em mercadoria de produtividade, cancela-se o espaço para que o estudante se deixe afetar pelo conhecimento.

Em contraposição à busca por certezas dogmáticas, a pedagogia do acontecimento aposta na dúvida como dispositivo de emancipação. Formular a dúvida não significa atestar uma falta de saber ou um déficit cognitivo, mas inaugurar o gesto sociológico por excelência: a passagem da posição passiva de consumidor de enunciações alheias para a posição ativa de formulador de problemas próprios. Essa perspectiva dialoga com a 'pedagogia engajada' de bell hooks (2013), para quem a sala de aula deve ser um espaço de transgressão e liberdade, convocando corpos e mentes no combate às opressões e na valorização da voz dos sujeitos. Do mesmo modo, como apontam Carvalho (2016) e Souza (2021) em pesquisas sobre linguagens expressivas na escola, a criação de fendas nos interstícios institucionais permite constituir espaços de escuta nos quais os adolescentes elaboram seus dilemas existenciais e ressignificam sua relação com o saber escolar (Marinho, 2020).

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A operacionalização da pedagogia do acontecimento produziu deslocamentos significativos nas dinâmicas de ensino e nas atitudes dos estudantes em relação ao conhecimento escolar. Em vez de utilizar as aulas para a simples reprodução de esquemas conceituais ou resolução mecânica de questionários voltados às avaliações externas, o trabalho pedagógico convocou os discentes a cruzar os temas curriculares da base nacional comum com suas memórias, afecções e contradições territoriais. Os estudantes foram desafiados a abandonar a busca por respostas pré-formatadas para assumir o protagonismo da formulação de problemas próprios.

Os resultados dessa abordagem revelaram-se visíveis já no primeiro bimestre de trabalho: estudantes que jamais haviam produzido artigos acadêmicos ou textos de fôlego investigativo elaboraram artigos autorais densos, encontrando na escola um espaço autêntico de enunciação e tomada de palavra. Ao articularem leitura, escrita e vivência pessoal, os discentes demonstraram que a aprendizagem não ocorre pelo acúmulo quantitativo de conteúdos, mas pela capacidade de se deixar afetar e produzir sentidos singulares. Quando o aprender deixa de ser um dever burocrático e passa a ser movimento de descolamento subjetivo, opera-se uma mudança de orientação: no compasso da experiência vivida, como expressa a síntese poética do trabalho, 'os alunos começaram a dançar'.

A emergência da autoria discente exigiu, correlativamente, a reinvenção do conceito e das práticas de avaliação. Em contraponto aos modelos tradicionais de avaliação de impacto imediato e controle disciplinar (Gertler et al., 2018; Jannuzzi, 2005), a avaliação foi ressignificada como um gesto rigoroso de escuta, acompanhamento e composição. Em diálogo com a proposta dos indicadores de reverberação social (Lazaro, Lima & Santos, 2022/2023; Fernandes et al., 2003), a aferição pedagógica passou a atentar para os resultados substantivos e os efeitos diferidos da aprendizagem acompanhando como os conceitos apreendidos ressoam no modo como os estudantes formulam perguntas, escutam os colegas e habitam o espaço escolar.

Dessa forma, operacionalização empírica dos indicadores de reverberação social exige superar a fragmentação em tabelas estáticas, desdobrando as balizas analíticas em três dimensões imbricadas de acompanhamento pedagógico e cartográfico:

Em primeiro lugar, no âmbito da reverberação subjetiva e cognitiva, a investigação volta-se para os modos como os estudantes se apropriam das categorias sociológicas e elaboram suas vivências. Os indícios empíricos dessa dimensão situam-se na emergência da dúvida motivada, isto é, na passagem da busca por respostas prontas para a capacidade de formular problemas sociológicos próprios, bem como na produção de escrita autoral e no uso

ISSN: 2358-8829

reflexivo da palavra. As fontes de evidência para o registro desses deslocamentos assentam-se nas anotações do diário de bordo cartográfico do docente, nas produções textuais dos discentes e nos relatórios qualitativos do Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT). O critério interpretativo examina a qualidade da articulação entre a experiência singular do jovem e as matrizes teóricas das Ciências Sociais, assumindo como limite metodológico a impossibilidade de isolar variáveis exógenas (como o ganho de maturidade, o repertório familiar e as influências da cultura de pares).

Em segundo lugar, a reverberação relacional e afetiva foca os desdobramentos das práticas de ensino no clima institucional e nas interações cotidianas. Essa dimensão traduz-se em indícios como o acolhimento da alteridade, a capacidade de sustentar o dissenso em debates sobre marcadores sociais da diferença (gênero, raça, classe), a diminuição de condutas estigmatizantes e o respeito consciente ao silêncio ou à recusa de exposição do colega. Tais movimentos são registrados por meio de transcrições de círculos de diálogo, atas reflexivas dos Conselhos de Turma e observações participantes no espaço escolar. A análise interpreta a densidade dos vínculos e o grau de abertura à convivência democrática, reconhecendo, contudo, o limite imposto pela subjetividade do olhar do pesquisador e pela eventual volatilidade das atitudes juvenis.

Por fim, a reverberação territorial e familiar acompanha o alcance extrapolado das experiências escolares na vida comunitária dos estudantes (Lazaro, Lima & Santos, 2022/2023). Os indícios empíricos manifestam-se na retransmissão dos debates sociológicos nos ambientes domésticos, na ressignificação da presença dos jovens no espaço urbano de Acaraú e no fortalecimento do sentimento de pertencimento. Os dados são colhidos mediante a aplicação de questionários exploratórios quali-quantitativos junto a egressos e conversas reflexivas com familiares e lideranças locais. O critério interpretativo avalia o grau em que a formação escolar se converte em valor social e autonomia cidadã no entorno dos alunos, tendo como limite a necessidade de acompanhamento em médio e longo prazo e a interferência de condicionantes socioeconômicos estruturais do território.

A reinvenção da avaliação não significa recusar o rigor acadêmico ou abandonar os objetivos curriculares; ao contrário, trata-se de qualificar a exigência pedagógica ao requerer do estudante a passagem da posição de espectador à posição de sujeito da enunciação. Ao acolher a dúvida e o tempo próprio da experiência, a escola pública reafirma sua função democrática de promover a autonomia e o direito ao pensamento crítico.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação desenvolvida demonstra que, mesmo em ambientes educacionais intensamente escolarizados por metas de rendimento e rotinas gerenciais, permanece viável produzir frestas de criação e aberturas para o imprevisível. A pedagogia do acontecimento reafirma que a aula pode ser vivenciada como um ensaio de pensamento e de vida quando o professor se dispõe a habitar a dúvida e a construir espaços autênticos de escuta e autoria.

A experiência de formar problema e produzir textos investigativos revelou que o aprender não consiste em acumular saberes estáticos, mas em deixar-se afetar e deslocar no compasso da experiência vivida. Ao ressignificar a avaliação como um gesto de escuta e composição, a prática pedagógica oferece ao campo educacional uma alternativa sensível e rigorosa para acompanhar o desenvolvimento dos estudantes, demonstrando que a busca pela excelência acadêmica e a aposta na emancipação humana são dimensões indissociáveis do projeto da escola pública democrática.

Palavras-chave: Acontecimento; Dúvida; Cartografia; Avaliação educacional; Autoria discente.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

BAUER, Adriana; ALAVARSE, Ocimar Munhoz; OLIVEIRA, Romualdo Portela de. Avaliações em larga escala: uma sistematização do debate. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1367-1382, dez. 2015.

BIESTA, Gert. Boa educação na era da mensuração. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 147, p. 808-825, set./dez. 2012.

CARVALHO, Dirce Helena Benevides de. **Cena contemporânea e escola básica: experimentos teatrais realizados com alunos do ensino médio da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

DAMÁSIO, Bruno Figueiredo. Mensurando Habilidades Socioemocionais de Crianças e Adolescentes: Desenvolvimento e Validação de uma Bateria. **Tendências em Psicologia**, v. 25, n. 4, p. 2043-2051, 2017.

DELEUZE, Gilles. **A Lógica do Sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2018.

FERNANDES, Angela Maria Dias; ROZENOWICZ, Adriana; FERREIRA, Joseane Pessanha. Avaliação qualitativa e a construção de indicadores sociais: caminhos de uma pesquisa/intervenção em um projeto educacional. **Psicologia & Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 249-262, 2003.

GERTLER, Paul J. et al. **Avaliação de Impacto na Prática**. 2. ed. Washington, DC: Banco Mundial, 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JANNUZZI, Paulo de Martino. Indicadores para diagnóstico, monitoramento e avaliação de programas sociais no Brasil. **Revista do Serviço Público**, Brasília, v. 56, n. 2, p. 137-160, 2005.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 15-22, 2007.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LAZARO, José Carlos; LIMA, Selma Maria Santiago; SANTOS, Vanessa Moreira dos. **Indicadores de reverberação social para a política pública de um equipamento de cultura alimentar**. Resumos/Artigos — Programa Cientista Chefe da Cultura (FUNCAP/Secult-CE), Fortaleza, 2022/2023.

MAIA, Alberto Filho Maciel. **Avaliação das contribuições do Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT) para a qualidade de ensino nas escolas públicas estaduais de ensino médio de Fortaleza**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

ISSN: 2358-8829

MARINHO, Sandra Carina Bandeira da Silva. **Aprender, a sentir: Estratégias de Ensino Sinestésicas no Ensino das Artes Visuais**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de Artes Visuais) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2020.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método cartográfico: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Heula Mayara Almeida Soares. **Conceituar o professor no Abecedário de Gilles Deleuze: referências para a Educação e Filosofia**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2020.

SANTOS, Daniel; PRIMI, Ricardo. **Desenvolvimento socioemocional e aprendizado escolar: Relatório sobre a mensuração de competências socioemocionais no Rio de Janeiro**. São Paulo: Instituto Ayrton Senna / OCDE, 2014.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante et al. O problema da avaliação das habilidades socioemocionais como política pública: explicitando controvérsias e argumentos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 36, n. 130, p. 219-242, jan./mar. 2015.

SOUZA, Lorena Oliveira de. **O teatro improvisacional na escola: espaço de escuta do adolescente**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.